





A black and white photograph of a winter forest scene. The foreground is dominated by a rocky, snow-covered slope. Several dark, jagged rocks are partially covered in a layer of white snow. In the middle ground, there are several trees, including a prominent, dark, textured tree trunk in the center. The background is filled with more trees and branches, creating a dense, dark forest. The overall atmosphere is cold and quiet. The text "MARIANNA SIRCA" is centered in the upper half of the image.

MARIANNA SIRCA



A Piero Ganga  
fraternamente  
Giuseppe Seledda

M. Dosio & Co.  
ROMA  
VIA CONDOTTI 58.

Novara 3 agosto 1905

GRAZIA DELEDDA

~ PRÉMIO NOBEL ~

# MARIANNA SIRCA



TRADUÇÃO E PREFÁCIO DE  
GRAZIA MARIA SAVIOTTI



**Sibila**  
PUBLICAÇÕES

LISBOA 2018

Título: **Marianna Sirca**  
Autora: Grazia Deledda  
Tradução (1944): Grazia Maria Saviotti  
Edição original: Treves Editore. Milão, 1915

Sibila Publicações

[www.sibila.pt](http://www.sibila.pt)

[www.facebook.com/sibilapublic](https://www.facebook.com/sibilapublic)

[www.twitter.com/sibilapublic](https://www.twitter.com/sibilapublic)

Este livro pertence à Colecção Mulheres de Palavra®

© 2018 Sibila Publicações

Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes

*Design*, paginação e produção: Above Below Comunicação Unip. Lda.

Revisão: Dulce Reis

Imagem de capa: John William Waterhouse, *Boreas*, óleo sobre tela, 1903. Colecção privada

Fotografia da autora: Dosio & Co. Retrato da escritora quando jovem dedicado ao seu amigo fraterno, o professor de literatura Pietro Ganga. Nuoro, 1905. Colecção Fundo Deledda. ©Sardegna Digital Library

Fotografia pp. 2 e 3: *Buddusù, bosque nevado*. Antonia Dettori. © Sardegna Digital Library

1.<sup>a</sup> edição: Abril de 2018

ISBN: 78-989-99946-3-8

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:

**Nas Tuas Mãos Unip. Lda.**

Apartado 014081

EC Cinco de Outubro

1064-000 Lisboa

*E-mail*: [admin@inespedrosa.com](mailto:admin@inespedrosa.com)

---

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

## ÍNDICE

Prefácio .....	9
I .....	13
II .....	29
III .....	47
IV .....	59
V .....	75
VI .....	89
VII.....	103
VIII .....	117
IX .....	131
X.....	141
XI .....	153
XII.....	161
XIII .....	169
XIV.....	181
XV .....	189
Notas .....	197
A autora   Nota biográfica .....	199
A tradutora   Nota biográfica .....	205





## PREFÁCIO

No meio do mar Tirreno, o mais azul dos mares, jaz uma ilha: a Sardenha. Pitoresca e selvagem, cercada de montes espessos de bosques, conserva ainda, zelosamente fechados no anel das águas, as suas tradições e os seus costumes. Os comboios correm hoje pelas suas planícies, e as cidades são cidades modernas, europeias; mas, à parte este verniz exterior, a ilha e os seus habitantes não mudam: estes permanecem fiéis aos seus costumes, duma simplicidade patriarcal e castiça, bem como aos seus trajes coloridos, que os séculos levaram a uma estilização quase hierática; aquela guarda o segredo dos seus bosques, povoados duma fauna bravia, cujo rei é o javali. E a ilha toda é mistério.

Foi talvez esta a razão do primeiro êxito de Grazia Deledda, ao aparecer o seu primeiro romance, um livro «novo», fora de todas as correntes e modas literárias, influenciado – ainda – pelas tendências românticas. Pense-se que estávamos nos fins do século XIX, em pleno triunfo do Realismo, e que a Itália contava então, nesse movimento, homens como Giovanni Verga e Gabriele d'Annunzio, a dominar a cena literária: narradores crus,

vigorosos, e estilistas perfeitos, autênticos magos da palavra. O livro da nova escritora não podia comparar-se, decerto, com a obra deles, mas trazia um perfume novo, falava em gentes desconhecidas, de fortes paixões, de alma forte e selvagem. E o livro agradou; mandara-o a moça sarda, timidamente, a um escritor célebre, Salvatore Farina, que lhe compreendeu o valor e tomou sobre si o cuidado de o mandar editar. O êxito foi completo, tanto que a juvenil autora, num gesto ousado, abandonou a sua terra, transferindo-se para Roma.

E começaram para ela anos duros, duma actividade viril, dum trabalho contínuo e esgotante: a glória não ofereceu à jovem mulher um caminho de rosas. De facto, mal chegou à cidade que era o coração literário da Itália, ela apercebeu-se de quão grande era a distância entre a sua ilha e o movimento artístico e quão insuficiente o seu estilo para alcançar a meta que a si própria marcara. Mas a árdua tarefa não a assustou: enfrentou-a, pelo contrário, com afoita seriedade. Longe do seu mundo, do povo que conhecia, verteu a saudade da sua ilha em páginas e páginas cada vez mais cinzeladas, mais cuidadas, nas quais a realidade se ia fundindo cada vez mais com a visão que a sua nostalgia criava. Nunca o seu vocabulário será muito rico, nunca adquirirá aquela opulência que a língua italiana permite: e talvez voluntariamente, pois que esta linguagem rude deixa-lhe reproduzir a alma da sua gente singela e da sua terra primitiva sem recorrer a dialectismos ou corrupções da língua, sempre desagradáveis. Mas a sua prosa vai adquirindo cada vez maior musicalidade, e é neste sentido que ela trabalha, encarniçadamente: um livro por ano, e cada um deles uma conquista.

O mundo literário é, porém, um triste mundo: ao primeiro e inebriante êxito, porventura demasiado fácil, sucede o cepticismo por parte dos críticos e dos outros escritores, que a não querem aceitar como uma deles. Um primeiro livro que desperta interesse, vá, mas, para criar

uma sólida fama, é preciso muito mais! E isto que eles lhe dizem, e censuram-na pela forma ainda rude, que na Itália, herdeira das elegâncias da Renascença, é um grave crime; e não percebem ainda que reside justamente nesta forma, agora propositadamente primitiva, o segredo da harmonia entre os sentimentos e a sua expressão, o segredo do ritmo quase bárbaro que é a própria personalidade da prosa de Grazia Deledda. O público, no entanto, compreende-o bem – ou tem disso a intuição – e segue a escritora, fazendo de cada seu livro um êxito editorial. E não somente o público italiano, mas também os públicos estrangeiros a seguem já, nas traduções que se vão tornando de ano para ano mais numerosas. E ela continua o seu trabalho, incansável, até que um dia, de repente, entre o espanto dos colegas e a alegria do seu público, no ano de 1927, recebe a mais bela, a mais merecida consagração: o Prémio Nobel de Literatura<sup>1</sup>. É a vitória mais completa, à qual se segue, infelizmente, poucos anos depois, em 1936, a morte da grande escritora, que foi chorada na Itália e fora dela como nenhuma outra.

Entre as numerosíssimas obras que nos ficam de Grazia Deledda – todas de indubitável valor –, merecem ser consideradas como obras-primas os romances *Elias Portolu*, *Marianna Sirca*, *L'incêndio nell'oliveto* e *Cenere*<sup>2</sup>, e os livros de contos *Chiaroscuro* e *I giuochi della vita*.

São livros todos de ambiente sardo, como aliás a maior parte das obras de Deledda. Só na idade madura ela escreveu alguns livros doutro ambiente (*Annalena*

---

<sup>1</sup> O Prémio Nobel de Literatura de 1926 foi atribuído a Grazia Deledda «pela sua escrita de inspiração idealista que, com uma claridade plástica, descreve a vida na sua ilha nativa e que aborda os problemas humanos com profundidade e empatia». Grazia Deledda recebeu o seu Prémio Nobel um ano depois, em 1927. Durante o processo de escolha, em 1926, o Comité Nobel de Literatura decidiu que nenhum dos nomeados desse ano correspondia aos critérios delineados no testamento de Alfred Nobel. De acordo com os estatutos da Fundação Nobel, o Prémio Nobel pode, nesses casos, suspender-se até ao ano seguinte, e esse estatuto foi então aplicado. Por conseguinte, Grazia Deledda recebeu o Prémio Nobel de 1926 um ano mais tarde, em 1927. (*Nota dos Editores*)

<sup>2</sup> *Cenere* (romance) foi publicado em Portugal em 1946 com o título *Cinzas* e será reeditado em breve pela Sibila Publicações. (*N. dos E.*)

*Bilsini, Il segreto dell'uomo solitario, Il Dio dei viventi*, etc); mas o fundo ficou sempre sardo, e, por vezes, até o próprio enredo é semelhante ao dos romances precedentes. Sentimentos rudimentares e fatalismo, paixões brutais, conceito místico-supersticioso da Divindade, contrastes de natureza religiosa originados por crises de consciência, sentido do mágico e do fabuloso, adesão física e espiritual às leis primitivas da natureza mais selvagem, estilo rude em harmonia com o ambiente e as personagens, eis as notas características que revelam em Grazia Deledda uma grande e genuína força criadora. E são notas que mormente se podem expandir no seu ambiente de origem, que é o mesmo do qual a escritora surgiu e no qual se lhe formou o espírito.

GRAZIA MARIA SAVIOTTI



**M**ARIANNA SIRCA, DEPOIS DA MORTE dum tio padre, abastado, de quem herdara o património, fora passar uns dias ao campo, em uma pequena casa rústica da serra de Nuoro, sua propriedade, entre bosques de sobreiros.

Era o mês de Junho. Marianna, exausta pelo cansaço da longa assistência de enfermeira prestada ao tio, morto duma paralisia que se arrastara durante dois anos, parecia ter acabado de sair duma prisão, tão branca, débil e esvaída se encontrava: se estivesse na sua mão, não se teria mexido nem teria sequer atendido ao conselho do médico, que a mandava respirar um pouco de ar puro; mas o pai, zagal de seu mister, que sempre fora uma espécie de criado do mano padre, descera de propósito da serra, para a ir buscar, instando com ela respeitosamente:

– Marianna, faz a vontade a quem te quer bem. Obedece.

Até a criada, uma barbaricina<sup>1</sup> boçal, decidida, que servia em casa do padre há anos e anos e vira crescer Marianna, preparando-lhe as suas coisas, atafulhou rudemente

---

<sup>1</sup> Originária da Barbagia, região montanhosa da Sardenha central. (*N. dos E.*)

com elas uma mochila, como se se tratasse das roupas dum criado pastor, e repetiu:

– Marianna, faz a vontade a quem te quer bem. Obedece.

E Marianna obedecera. Sempre obedecera, desde quando, ainda criança, a tinham posto, como um passarinho na gaiola, em casa do tio, a espalhar a alegria e a luz da sua infância em volta do tristonho sacerdote, na mira da sua possível herança.

Montou, portanto, silenciosa, o cavalo do pai e apoiou a mão no cinto dele, respondendo só com sinais de cabeça à criada pressurosa, que lhe aconchegava as saias em volta das pernas e a aconselhava a não se expor ao ar da noite.

– Não a deixes cansar-se, Berte Sirca!

Ele pôs um dedo sobre a boca e esporeou o cavalo; era um homem de poucas palavras; depois, ele e Marianna não tinham muito que dizer um ao outro.

À medida que viajavam, só lhe indicava este ou aquele terreno, nomeando os seus proprietários; aliás, ela conhecia os lugares, pois todos os anos, salvo os últimos, em que o padre estivera doente, ia na Primavera com o tio e os parentes passar dias inteiros na *tanca*<sup>2</sup> povoada de rebanhos e manadas, onde uma casa rural substituíra a primitiva choça dos pastores sardos.

Desde o primeiro dia, lá em cima, sentia-se melhor: o sítio era elevado, entre os territórios de Nuoro e o de Orune; o bosque florescia e uma serenidade infinita dir-se-ia pairar sobre a terra inteira.

Ao terceiro dia, Marianna já estava outra; a sua figurinha esbelta e um tanto curvada erguera-se, o rosto pálido e alabastrino, sob as tranças fartas de cabelos escuros e brilhantes, tomara uma cor baça de âmbar, e os grandes e plácidos olhos castanhos reflectiam, como os das corças, a luz esverdeada do bosque.

---

<sup>2</sup> *Tanca* (dialecto sardo): recinto para onde os pastores sardos levam os rebanhos a pastar. (*Nota da Tradutora*)

Descia a noite do terceiro dia. Marianna sentara-se em frente da vivenda rústica, que era uma pequena construção de pedra tosca, com um alpendre para o gado, uma cozinha e um quarto de cama: estendia-se diante dela um grande terreiro, onde cresciam ervas, com um sobreiro milenário ao centro, a cujo tronco se prendiam os cães; e, mais além, o verde dos prados que avançavam pela floresta perdia-se na sombra já profunda das moitas e dos rochedos, enquanto à sua direita, numa clareira do bosque, a linha dos montes recortava-se ainda azul sobre o céu afogueado do crepúsculo.

Estava só, com os cães que de vez em quando se erguiam para espreitar e logo voltavam a agachar-se na eira; esperava o regresso do pai e do pastor, e a chegada dum parente que lhe prometera uma visita.

Estava só e tranquila; nada lhe faltava; tinha à sua volta o extenso património, custodiado por um servo fiel e de alma singela, como era seu pai, e em Nuoro, a sua casa era também guardada pela fiel criada que, de noite, não dormia, de atalaia aos ladrões.

Nada lhe faltava; e, no entanto, inclinada, perscrutava para dentro da sua alma, com plena consciência de si própria, e só via um crepúsculo, sereno, sim, mas crepúsculo: vermelho e cinzento; cinzento e vermelho, e solitário como o crepúsculo da *tanca*.

Parecia-lhe ser velha; revia-se criança naquele mesmo lugar, da primeira vez que para ali a levaram e alguém lhe segredou ao ouvido: «Se te portares bem, tudo isto será teu.» E ela olhava em volta de si, com os seus olhos plácidos, sem maravilha nem desejo, embora respondesse que sim. E, vagueando por aqui e por acolá, tinha encontrado um esconderijo, uma pedra cava como um berço, dentro da qual se meteu, feliz por estar sozinha, senhora de tudo, mas de tudo escondida: e parecia-lhe ser como o caroço dentro do fruto, como o passarinho no ovo. Assim aconchegada, satisfeita por os pastores lhe não pegarem no saiote à sua passagem e não lhe dizerem: «dás-me o teu lugar, Marianna?», até acabara por adormecer.

Mas eis que acordava, depois de tantos anos. Contava trinta, agora, e nem ao menos conhecera ainda o amor. Aparentemente tinham-na criado como uma menina de família nobre, destinada a um casamento rico; na realidade, a sua vida fora a duma criada submetida não somente aos amos, mas também aos servos mais antigos da casa.

O pai está a chegar, e os pensamentos da rapariga retraem-se no mais secreto esconderijo: ninguém no mundo os deve conhecer, e isto não tanto por orgulho mas porque ela deseja a sua alma como a sua casa: tudo arrumado, limpo, fechado nos cofres, pertencendo-lhe inteiramente.

Depois, embora tivesse por ela uma admiração muda e uma dedicação de criado fiel, o pai não era homem para a compreender: ei-lo que avança, pequeno, dobrado, de mãos postas, a grande cabeça calva como que puxada para baixo, para o peito, pelas compridas barbas encaracoladas: parecia um frade disfarçado de pastor, um ermitão manso, de grandes olhos castanhos ainda inocentes.

– Então, estás a rezar? – disse, passando diante dela.  
– Vamos, alegra-te! Esta noite velaremos. Vêm cá acima.

– Quem, quem? – disse ela, animando-se.

– Sebastiano, com mais outro; agora vou acender o lume. Se Sebastiano te perguntar quanto ofereceram pela cortiça – acrescentou, voltando atrás –, dize mil escudos<sup>3</sup>. Caluda! Obedece a quem te quer bem!

Marianna estava pronta a obedecer também a esta inocente vaidade que aumentava para o dobro as suas rendas; e, de mais a mais, o primo Sebastiano vinha a mando duns comerciantes ozierenses<sup>4</sup> que pretendiam comprar a cortiça do seu bosque de sobreiros; e, sem se levantar, esforçava-se por ver ao longe, pensando nesse primo em segundo grau, nem novo nem velho, viúvo e só, o qual, entre tantos parentes

---

<sup>3</sup> Escudo: antiga moeda italiana, do valor de cinco liras; apesar de esta moeda já não estar em circulação há muitos decénios, ainda hoje os camponeses de algumas regiões da Itália continuam a contar em escudos. (*N. da T.*)

<sup>4</sup> Originários de Ozieri, comuna da província de Sassari, Sardenha. (*N. dos E.*)



necessitados que lhe tinham rancor por causa da herança do tio, era o único que lhe demonstrava um pouco de dedicação desinteressada.

Às vezes, pensava até que Sebastiano lhe tivesse amor; mas repelia com nojo a ideia de acabar em esposa dum parente, viúvo, e que já não era novo. Eis que também ele chegava: vinha a cavalo; vestia o jaquetão de luto dos viúvos, e o veludo preto do casaco fazia sobressair, mesmo de longe, a palidez amarelenta do seu rosto descarnado, emoldurado por uma rala barbicha escura, em bico. Os seus olhos negros, muito vivos, que iluminavam toda a sua figura tristonha, logo procuraram Marianna; e mal desceu, ágil, diante dela, que silenciosamente se levantara, cingiu-lhe os ombros com um braço, olhando-a de baixo para cima, um pouco mais pequeno do que ela, familiar mas também malicioso. Contudo ela repeliu-o, interessada só por um belo rapaz alto, que avançava sorrindo. Parecia-lhe e não lhe parecia conhecê-lo: ter visto já, em qualquer parte, aqueles dentes que resplandeciam entre os lábios frescos, sombreados por uma leve penugem, e, no rosto moreno, os olhos rasgados que pareciam azuis, tanto o branco era dum azul nacarado.

Chegando diante dela estacou, rígido, como um soldado em posição de sentido. Ela corou, mas logo depois sorriu e estendeu-lhe a mão.

– Simone Sole!

Ele fez sinal que sim, pegando na sua mão sem a apertar. Sim, era ele, Simone Sole, o bandido.

Uns anos antes, em garoto, Simone fora criado em casa dela; a rapariga conhecia também a sua família, pobre mas distinta, de boa cepa, o pai e a mãe, adoentados ambos, as irmãs lindíssimas, altivas, que só iam à igreja e ajoelhavam na sombra, no lugar onde de costume também ela ficava, sob o altar do Santíssimo Sacramento e o resto do tempo viviam

retiradas no seu casebre sob a colina de Santu Nofre, caladas e pesarosas como se o irmão tivesse morrido.

– Simone! – repetiu com voz calma, depois de baixar os olhos, erguendo-os de novo, serenos, para ele. – Então?

– Então, cá estamos!

E continuava a sorrir-lhe com todos os seus belos dentes cerrados, como uma criança que se esforça por não desatar a rir; parecia contente por lhe ter feito aquela surpresa, mas estava principalmente satisfeito pelo acolhimento dela.

– Então, Marianna, também tu saíste a *saltear*<sup>5</sup>?

Riram ambos, um pouco, como de acordo; todavia, imediatamente, Marianna viu os olhos dele procurar os seus com uma intenção que a perturbou: e, como ele se aproximava até lhe tocar nos joelhos, recuou um passo, altiva.

Entretanto o pai aparecera à porta da cozinha, limpando às calças a mão ensanguentada, e, com a cabeça, fazia sinal aos hóspedes que avançassem, que entrassem. Entraram, e foram sentar-se, apesar do calor, junto da lareira.

Simone olhou em volta, saudando os objectos que bem reconhecia: as paredes negras de fumo, o tecto baixo, as esteiras onde dormira os seus profundos sonos de adolescente, os bancos toscos, os baldes de cortiça, as pedras e todos os outros utensílios do estábulo, que cheiravam a queijo e a couro e davam ao quarto primitivo o aspecto duma tenda de pastores bíblicos. Em frente da janelinha, em cujo fundo verdejava o bosque, vislumbrava-se, pela porta aberta, o quarto próximo, que também dava passagem para o terreiro: o ambiente limpo, com a caminha branca de Marianna, a mesa, um quadro e um pequenino espelho na parede, contrastava com o da cozinha.

Ela fechou a porta de comunicação e colocou-se por trás de Sebastiano, pois apercebera-se de que ele, embora sem se irritar, já espiava com malícia os seus movimentos; mas o homem virou-se de lado, continuando a observá-la.

<sup>5</sup> No original: *Bandiare* (em sardo, *bandhiàre*), exercer a profissão de bandido. (N. dos. E.)

– Marianna! – disse Simone. – Parece-me um sonho tornar a ver-te.

– A mim também, Simone!

– Há muito que eu te queria fazer uma visita! Mas não sabia se te agradava...

Marianna esboçou um gesto com a mão para lhe dizer que se deixasse disso, que se calasse sobre aquele assunto desagradável; e ele corou de orgulho pela confiança dela.

– Como é que estás por estes sítios? Há que tempos te não víamos! – disse o pai, enquanto Sebastiano, pegando numa ponta do avental de Marianna, a puxava um pouco, fazendo sinais com a cabeça para que se inclinasse, pois tinha algo para lhe dizer em segredo. Ela permanecia rígida; parecia-lhe que Simone por sua vez a observava, e queria aparecer-lhe no seu novo estado de mulher já séria, de rica proprietária. Simone, de facto, fitava-a, embora respondendo às perguntas do homem que, em tempos, fora mais que seu amo, seu companheiro de servidão.

– Pois é, há mais dum ano que não passava por cá, tio<sup>6</sup> Berte! Há cinco anos que não via a sua Marianna. Então, o padre morreu? Que homem curioso ele era! Marianna, lembras-te de que ele aumentava os seus anos? Acrescentava mais dez, talvez porque a vida lhe parecia curta demais, para quem vivia tão bem como ele; uma vez zangou-se muito por Fidela, a criada – ainda está viva, a bruxa? –, ter ido à igreja procurar nos livros a sua verdadeira idade.

– Sim, era talvez para se convencer de que vivia mais – admitiu Sebastiano –, e depois ele passava bem os anos e tinha razões para os aumentar.

– E os que os tiram, não é pior? As mulheres? E até certos homens? Eis aqui o nosso Cristoru que continua tendo vinte e dois!

Todos riram, olhando lá para fora, para o vulto gigantesco e negro do criado que avançava rígido e inteiriçado como se fosse de madeira. Chegando à porta, estacou sem

<sup>6</sup> Na Sardenha, o uso de tia e tio é uma forma de cortesia. (*N. dos. E.*)

mostrar surpresa pela presença de Simone que fora seu companheiro de serviço, e por muito que os dois hóspedes o chamassem perguntando-lhe pela sua saúde, pelo gado e pelos pastores da *tanca* próxima, não avançou um passo do limiar.

Procurava Marianna, e Marianna teve de sair para o terreiro, a entender-se com ele.

– Teu pai mandou-me matar uma ovelha: diz-me o que devo cozer, e se devo também preparar a morcela. Mas já te digo que não tenho hortelã, só há duas folhas de louro, isto que aqui está.

Mostrou-lhas entre os dedos ensanguentados, e ela foi buscar também o sal, o queijo e um pedaço de pão partido aos bocadinhos. Isto tudo foi misturado ao sangue e posto no estômago da ovelha, limpo como uma saca de veludo, cosido com uma agulha de cana e posto a assar sob um montão de cinzas quentes.

Entretanto os homens discutiam o preço da cortiça, e o pai dizia, fitando o chão, porque não sabia mentir, que os mercadores de Nuoro tinham oferecido mil escudos; mas Sebastiano ria-se, com os olhos negros, brilhantes no rosto amarelento, e olhava para Marianna, piscando o olho.

– Tio Berte, vossemecê sabe gabar as suas coisas!

– Não são minhas; pertencem à minha filha.

– Sendo minhas, são também do pai – ripostou Marianna; o pai ficou radiante, sobretudo porque lhe parecia que Sebastiano troçava um pouco dele.

Marianna, entretanto, inclinada sobre a lareira, ajudava o criado a preparar o jantar; levantara, atirando-as para o alto da cabeça, as pontas do lenço preto, deixando assim livres o pescoço alvo e o róseo começo do peito; no reflexo do fogo os botões de ouro da sua camisa, unidos por um lacinho verde, vermelhavam como dois morangos ainda mal maduros, e ela de vez em quando olhava para eles, com medo que se desapertassem, mas na realidade porque se apercebia do olhar de Simone, fixo nela, e sentia uma turbção indefinida. Quase tinha vergonha de se dirigir a ele, que no entanto fora

o seu criadito; parecia-lhe que voltava duma viagem doutras terras, onde crescera, se tornara homem e aprendera tudo o que é mau e também o que é bom na vida, como os emigrantes que regressam das Américas. Justamente por isso, agradava-lhe que ele a fitasse: era, enfim, um olhar de homem que nela só via uma mulher, sem se lembrar do seu dinheiro.

Quando tudo ficou pronto, sentou-se no meio dos homens, à volta do jantar, servido no chão diante da entrada. A servir de mesa havia uma tábua de cortiça, a casca dum sobreiro inteiro, aberta em duas partes e alisada; as travessas e as vasilhas eram também de cortiça, e as malgas de chifre lavrado pelos pastores; o criado, enorme e impassível, servia de trinchador, partindo os ossos do assado com os dedos fortes: depois de dividir os bocados, empurrou o trincho para diante de Marianna, dizendo em voz grave:

– Deita-lhe sal.

Pareciam executar um rito, o criado rígido, com a barba negra, quadrada, de sacerdote egípcio, e a rapariga pálida e delgada, na flor de romã do corpete.

Simone foi o primeiro a servir-se.

– Não te acontece todas as noites dividir o teu pão com uma mulher – disse tio Berte dando-lhe de beber numa taça de chifre.

– E que mulher! – respondeu prontamente Simone, bebendo e fitando-a; e a ela pareceu que o vinho brilhava através da taça opaca.

– E, no entanto, também ontem à noite Simone comeu na companhia de mulheres, e bonitas, por sinal. Marianna, não desfazendo! – disse Sebastiano, ciumento.

Marianna levantou os olhos.

– Eram as minhas irmãs, sim: fui até casa, porque minha mãe está doente.

Um momento de silêncio, grave e triste: depois Marianna, muito tranquila, perguntou:

– Como vai, agora, tua mãe?

– Sei lá... o seu costumado mal de coração. Minhas

irmãs são valentes, tratando-se delas próprias, mas assustam-se facilmente pelos outros. Mandaram-me então chamar para que visse a mãe. O pior é que, se eu vou vê-la, o perigo aumenta; e ela sabe-o muito bem! A noite passada eu não me atrevia a entrar no seu quarto; ela, porém, disse: «O meu Simone deve estar aqui perto, eu sinto-o: mandem-no entrar.» Então entrei, e ela pousou-me uma das mãos na cabeça e depois rogou-me que fosse imediatamente embora. Enfim, que se há-de fazer, coisas do mundo! – concluiu, abanando a cabeça, com um jeito infantil que Marianna já observara nele em criança.

– Enfim, que se há-de fazer! – suspirou também Berte Sirca; e Sebastiano não insistiu nas suas brincadeiras.

Somente o criado permanecia rígido, impassível, como se nada, salvo o serviço, lhe interessasse; e no entanto foi ele quem dissipou a sombra que em volta caíra, perguntando a Simone:

– Tu tinhas um companheiro: que foi feito dele? Está na cadeia?

– Na cadeia? – protestou Simone quase ofendido. – Enquanto andar comigo, nunca irá para a cadeia.

Todavia desatou a rir, para si, recordando o companheiro.

– Um fradito, assim Deus me ajude! E como ele acredita em Deus! Reza sempre e traz uma data de relíquias ao peito. Quando vemos uma igreja, ao longe, ajoelha, e o melhor, queridos irmãos, é que reza por mim, não por si próprio! E depois é rico, filho único: a mãe é a mulher mais abastada de Ottanta, e dá-lhe tudo o que ele quiser. Mas o rapaz vive como um pobre, e jejua até ficar com febre.

– Assim Deus me assista! Pelo que tu contas, é um sacristão e não um bandido – disse Sebastiano, que continuava fitando Marianna, fazendo-lhe sinais como a convidar a ajudá-lo na sua brincadeira –, e que fez ele para se internar no bosque? Porventura matou algum gato?

Simone, porém, não permitia que troçassem do com-

panheiro; pousou em volta os olhos, agora metálicos, e contou com gravidade:

– A mãe dele tinha uma questão; devia ganhá-la e perdeu-a; e, não satisfeitos com isto, os adversários iam todas as noites entoar canções obscenas sob as suas janelas, ofendendo-a na sua honra. Era viúva, não tinha mais ninguém que a defendesse, a não ser Costantino, que ainda era um garoto, e religioso, dedicado à mãe como uma menina. Uma noite levantou-se e mandou um tiro de arcabuz contra os injuriadores da mãe: um destes caiu morto. O meu companheiro queria apresentar-se à justiça; a mãe aconselhou-o a que fugisse, que ficasse com a sua liberdade. E ele fugiu. Fez muito bem, por Deus!

Ao falar, o peito dilatava-se-lhe; algo de felino tornava-lhe o rosto mais lindo: os homens fitavam-no, fazendo que sim com a cabeça.

Foi Marianna a única que se atreveu a retorquir:

– Só Deus tem o direito de matar.

Mas imediatamente foi de novo o criado quem desviou a conversa.

– Esta manhã, seriam pouco mais ou menos cinco horas, vi uma mulher a cavalo; lá em baixo, perto da Funtana 'e litu: levava um casacão comprido de homem, e era alta e bonita: mas isso não interessa. Vinha armada, mas, mal me viu, esporeou o cavalo e foi esconder-se. Ó Simone, achas que seria Paska Devaddis, a mulher que anda com os bandidos de Orgosolo? Conhece-la, tu?

Simone não a conhecia; nunca fizera parte do bando dos Corraïne, os bandidos de Orgosolo, e até punha um certo cuidado em viver livre, sozinho com o jovem companheiro que se lhe afeiçoara como um cão fiel; era todavia amigo e admirador dos Corraïne e começou a falar neles com respeito; houve então grandes discussões sobre o trágico destino desta família devorada pelo ódio: parentes contra parentes, velhos que só viviam ainda para se vingarem, mulheres e crianças arrastadas pelo turbilhão fatal, mães que velavam ao

pé da lareira, à espera, na noite, do grito que lhes anunciasse a morte dum dos filhos e, na alvorada, o canto do galo que iniciava um novo dia de sangue.

– E para quê isso tudo, afinal? – disse Marianna com a sua voz plácida –, por algumas insignificantes moedas! A primeira causa da inimizade da família foi esta: algum dinheiro mal dividido, uma herança distribuída com injustiça. Ah, e no entanto não é o dinheiro que torna as pessoas felizes!

Simone ripostou irritado:

– Tu falas dessa forma, porque estás em tua casa, muito comodamente, e tens o teu património e o tio deixou-te num leito de rosas! Mas experimenta saber o que é a necessidade; experimenta lá saber o que é a injustiça! Marianna, o homem tem direito a ter o que lhe pertence: e o homem que é homem, de verdade, diz: o que é meu é meu, e aí de quem lhe tocar!

– Nada é nosso na Terra, pois estamos cá de passagem.

Então Sebastiano tornou a pegar-lhe na ponta do avental e, puxando-a e sacudindo-a, exclamou:

– Pareces o padre que Deus tem, quando pregava, priminha Marianna! Então, como aqui estamos de passagem, dá-me de graça a cortiça do teu bosque de sobreiros! Ah, agora não ouves, tu, minha linda flor!

– Também o padre pregava bem, mas as chaves guardava-as bem guardadas – continuou Simone. – Pois sim, valha-me Deus, vós, os ricos, sois todos como os feirantes, que põem a mercadoria no chão e parecem desprezá-la, mas depois vendem-na mais cara do que o costume.

Que havia de responder, Marianna? Deixou que dissessem, mas de vez em quando fitava Simone e encontrava sempre os olhos dele, à espera do seu olhar, atentos. Agora contava ele que fora nos últimos tempos falar justamente com os bandidos de Orgosolo, acerca dum negócio que não revelava, mas isso não tinha importância; o que interessava



era a narração da viagem, monte de Santu Janne acima, por encostas, barrancos, alcantis, labirintos, passagens subterrâneas, grutas e esconderijos misteriosos.

– Costantino seguia-me ofegante como um cão: encontrámo-nos numa caverna toda branca, que parecia de mármore; por cima estava furada e o sol entrava lá dentro como numa joeira; o curioso é que há, no fundo, um altar, um altar a sério, com uma cruz e um Cristo de pedra natural, tão bem feito que parece verdadeiro. Pois bem, Costantino ajoelhou; e também eu, digo a verdade, senti frio nos ossos. Mais acima, atravessámos uma garganta com uma torrente profunda que, de repente, desaparece num despenhadeiro, como um fio de água num copo: lá em cima Corrairie esperava por nós. Viera depressa e estava com sede; inclinou-se para beber, e, assim Deus me salve, parecia querer beber toda a água daquele profundo copo.

– Dizem que é muito bonito, Corrairie. Como é ele?  
– perguntou Marianna, e Simone, por sua vez, pareceu um tanto ciumento.

– Bonito?... É alto e sério. Um homem que te agradaria, a ti, Marianna.

– Porquê? Não é a beleza que faz um homem.

Sebastiano começou a contar pelos dedos.

– Riqueza, não; beleza, não; altivez, não; que queres então tu, prima? Assim desperdiças os teus dias, como a tal torrente, sem saberes onde é que vão parar.

– E a ti, que te importa? Continua a contar, Simone: depois de Corrairie beber...

– Depois de Corrairie beber, limpou a boca!

– E Costantino tinha medo?

– Costantino não tinha medo. Que havia ele de recear? – disse com vivacidade Simone, pronto sempre a troçar do companheiro, mas ainda mais pronto a defendê-lo das zombarias alheias.

– Então, bebe! Parece que tens mais medo deste pequeno copo do que do tal grande. Bebe, rapaz! – disse o tio Sirca, bonacheirão.

Para demonstrar que nem o próprio vinho, apesar de ser um dos piores inimigos dos bandidos, lhe metia medo, Simone bebeu: e continuava fixando Marianna, por cima da taça.

– Marianna, que foi feito de ti durante este tempo todo? Não pensas em casar?

– Escolhe – respondeu por ela Sebastiano –, escolhe-os como se escolhem as peras bravas em busca da mais madura!

Ela não respondeu: juntou no cesto o pão, os pratos, o trincho e entregou tudo ao criado para que os pusesse no seu lugar: depois levantou-se e foi guardar um ou outro objecto; e, como Sebastiano brincasse, dizendo que tio Berte teria de casar com Fidela, a criada do padre, por ser esta que, com o seu exemplo, impedia Marianna de casar, ela saiu para o terreiro e deu uns passos.

A noite era quente e luarenta; as estrelas, rentes ao bosque, pareciam tão próximas que se poderiam tocar, e tudo, ervas, folhas, flores, exalava suave perfume. Marianna não estava sentida pelas brincadeiras do primo; só lhe desagradava que ele falasse daquela forma na presença de Simone.

Sebastiano saiu a procurá-la, enquanto o pai e o criado iam para o alpendre, onde estava abrigado o rebanho, e disse-lhe, aproximando o seu rosto do rosto dela:

– Não estejas com má cara diante de Simone: para ti é bom tê-lo como amigo, Marianna...

– Eu não preciso de amigos – respondeu ela, áspera.

Tornando a entrar, ficou sozinha com Simone durante uns momentos; e reparou então que no rosto do rapaz e em toda a sua pessoa, que se curvara um pouco, pairava um ar de cansaço e de tristeza.

– Bebe.

Ele pegou-lhe na mão que lhe estendia a taça.

– Marianna, assim Deus me assista, tornaste-te bonita! – murmurou; e os olhos lampejavam-lhe, felinos, apesar de tristes e quase implorantes. – Marianna, lembraste de quando me davas de beber, quando voltava para o estábulo, geladinho?

– Estava justamente a pensar nisso, Simone!

– Que pensaste de mim, neste tempo todo? Tantas vezes me passou pela mente a ideia de vir visitar-te, mas, digo-te a verdade, tinha pejo.

– Pejo diante de mim?

– De ti, porque és altiva, embora nunca o fosses comigo, nem então nem agora.

– Nem então nem agora: não tenho razões para ensoberbecer. Bebe, vamos!

– Marianna – disse ele, pegando na taça com a outra mão, sem lhe largar o punho –, sim, quando me disseram: «Marianna está na serra», logo pensei: «hei-de ir vê-la.» Estás contente por me ver?

Marianna desatou a rir, mas de repente pôs-se séria, porque ele, bebendo, não deixava de lhe apertar a mão; e com os dedos finos agarrou os dele, fortes, abrindo-os um por um para se libertar.

– Deixa-me! – impôs, franzindo as sobrancelhas.

Ele obedeceu, como quando era um criado.

De repente, porém, ela viu-o cravar os dedos no chão como garras, como se quisesse segurar a terra, e depois estender o ouvido aos ruídos de fora e erguer-se dum pulo, sacudindo-se todo, como para se livrar duma pesada capa; de novo lhe pareceu outro: o criado liberto que a fitava como a pessoa da mesma classe, livre da escravidão passada.

Mas voltavam os homens e ele não tornou a dizer-lhe nem uma palavra.



## II



NA ESCURIDÃO, ENQUANTO PROCURAVA adormecer no seu quarto, onde penetravam os odores do bosque, Marianna revia a figura de Simone, em acto de agarrar a terra e saltar como para a reprimir, a ela e a todas as coisas em volta. Sim, tal como da terra nua, ele pulara da sua sorte obscura de criado para se tornar o hóspede temido dos seus próprios patrões. E via-o fitá-la do alto, com olhos doces e terríveis: se estivessem sós, ele tê-la-ia agarrado como uma presa.

E, contudo, fosse ele como fosse, e embora o pulso ainda lhe doesse pela sua pressão, sentia-se ainda a senhora; tinha a certeza de que, com um só olhar, o teria sempre dominado.

Parecia-lhe tornar a vê-lo garoto, zagal naquele mesmo estábulo, ao serviço dos pastores do tio: magro, alto, triqueiro, sempre calado, cabisbaixo, o rosto um tanto inclinado para a direita, como que preocupado por altos pensamentos, de quando em quando, sacudindo a cabeça sobre o pescoço e pousando em volta de si os olhos luminosos.

Todos os domingos, a mãe ia a casa dos patrões pedir notícias dele como duma criança na escola. Sim, o pequeno portava-se bem, era fiel, atento e trabalhador. Por volta da

Páscoa voltava para cumprir os seus deveres de cristão, e no Natal acompanhava o amo à missa do galo. Não olhava para as mulheres, não bebia e não tinha vícios. Marianna não se lembrava de que ele lhe tivesse faltado alguma vez ao respeito. E eis que um dia se ausentara do estábulo e nunca mais havia regressado. A família chorou por ele, meses e meses, como se tivesse morrido; julgou-se, a princípio, que o rapaz presenciara algum crime e que os bandidos, para evitar o seu perigoso testemunho, o matassem, algures, escondendo depois o cadáver. Só a mãe teimava em voltar de vez em quando a casa de Marianna a pedir notícias, como se ele ainda se encontrasse no estábulo. Tinha um aspecto estranho, por vezes, a mãe; parecia pedir aos patrões, a quem o confiara quase ainda criança, que lhe devolvessem o filho.

Mais tarde Simone mandara notícias, e ela fechara-se na sua casinha para nunca mais de lá sair. Marianna, contente por não a tornar a ver diante de si, com os grandes olhos cheios de angústia e de perguntas, esquecera o pequeno criado, como se realmente tivesse morrido. E eis, pelo contrário, que ele agora surgia diante dela, ressurgia do sepulcro da sua miséria e agarrava quanto se lhe deparasse perto das mãos.

«O que é meu é meu, e aí de quem lhe tocar!»

Todas as palavras dele lhe ficaram gravadas na mente, e procurava ainda contradizê-las, no pensamento; mas a resposta do rapaz gravava-lhas no coração. Virou-se na cama e esforçou-se por adormecer, sorrindo um pouco de si própria. O sono não vinha. Havia algo que se intrometia entre ela e o sono. É ainda ele; aperta-lhe o pulso, fixando-a, ameaçador e implorante. Também no sonho olhavam um para o outro como se se conhecessem havia anos e mutuamente sondassem os recessos da alma de cada um. Ela dizia-lhe: «Eu sei que te agrado e que queres desferrar-te de teres sido meu criado»; e ele respondia: «Sei que tu esperavas um homem como eu: aqui me tens, dou-te tudo de mim, o bem e o mal, mas aposto-me inteiramente de ti, com o teu bem e com o teu mal.»